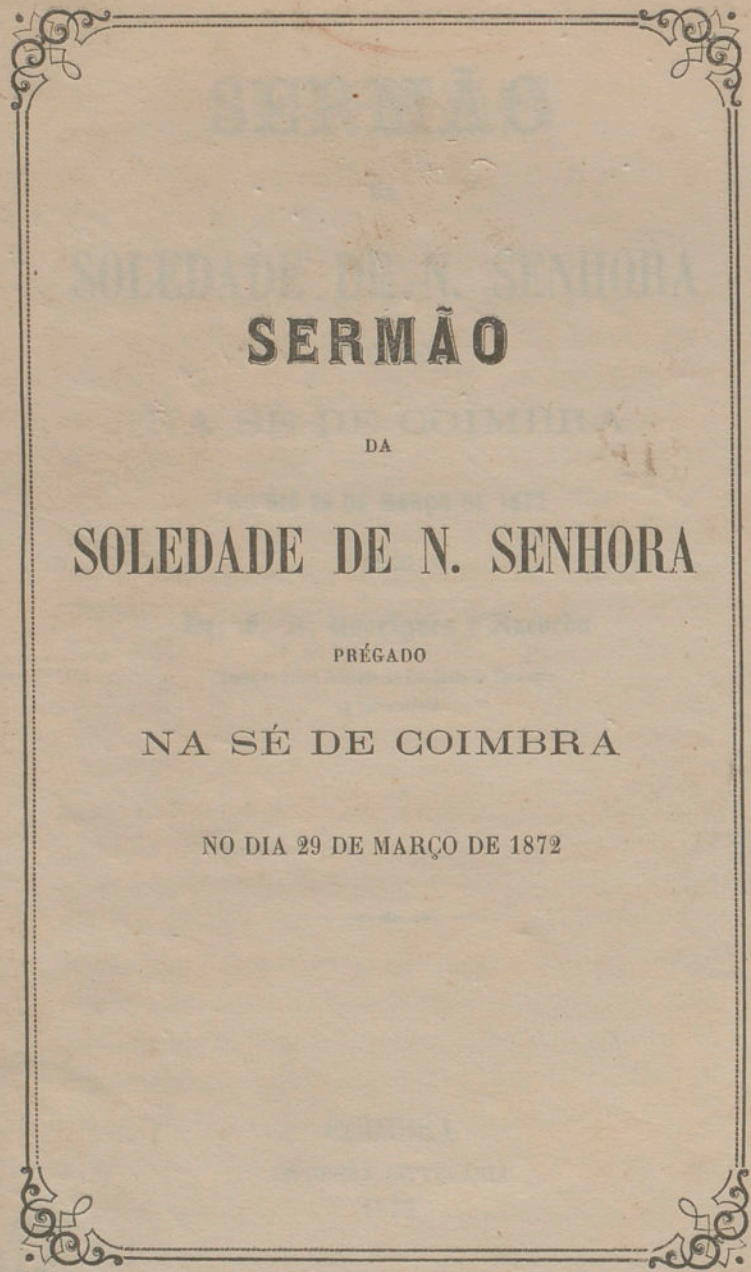


154



SERMÃO
DA
SOLEDADE DE N. SENHORA
PRÉGADO
NA SÉ DE COIMBRA
NO DIA 29 DE MARÇO DE 1872

RC
MNCT
2
AZE

SERMÃO

DA

SOLEDADE DE N. SENHORA

PRÉGADO

NA SÉ DE COIMBRA

NO DIA 29 DE MARÇO DE 1872

PELO

Dr. F. A. Rodrigues d'Azevedo

Lente de Prima Jubilado na Faculdade de Theologia
na Universidade.



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1872

RC
MNET

2

AZE

SERMÃO

40

SOLEDADE DE N. SENHORA

PRIMADO

NA SÉ DE COIMBRA

NO DIA 28 DE MARÇO DE 1872

Mentita est iniquitas sibi.

PS. XXVI, 12.

Impressão de

Impressão de

Impressão de

COIMBRA

IMPRESSA LITTERARIA

1872

ADVERTENCIA

Esta pequena oração não era destinada a ver a luz publica pela imprensa. Não merecia as honras de tal publicação, e nem aspirava a ellas. Mas . . .

No dia 7 do corrente recebemos, pelo correio, o *Diario da Tarde* de 4 de Abril, n.º 163. N'elle deparámos com uma correspondencia de Coimbra, na qual se lê:

«Na Cathedral houve *lava-pedes*, orando por essa
«ocasião o sr. dr. Rodrigues d'Azevedo, lente de theo-
«logia . . . S. . . foi eloquente, com quanto se resen-
«tisse d'um fanatismo imperdoavel. As suas doutri-
«nas eram bastante reaccionarias e o auditorio suffi-
«cientemente illustrado mostrou-se desagradado. A
«fama dos grandes homens não lhes dá o direito de
«dizer *desconchavos* estupidos e absurdos, zombando
«assim dos ouvintes, que depois serão forçados a re-
«pelil-os.»

« A Universidade . . . foi depreciada na sua reputação pelo sr. Rodrigues d'Azevedo, membro do corpo cathedratico. S. . . apresentou na sua oração ideias retrogadas, quando Coimbra occupa um dos primeiros lugares nas alas do progresso, por ser liça do talento e conter dentro dos seus muros a Universidade.»

O correspondente *equivocou-se*. Na Sé de Coimbra não houve, este anno, nem *Lava-pés*, nem sermão na 5.^a feira Sancta. Houve porém o Sermão da Soledade na 6.^a feira á noite. Foi este prégado perante um auditorio de mais de tres ou quatro mil pessoas: foi ouvido com summa benevolencia e attenção admiravel: e é fielmente o seguinte.

Coimbra 8 de Abril de 1872.

Dr. F. A. Rodrigues d'Azevedo.

SERMÃO

Dolor meus in conspectu meo semper.

A minha memoria é o meu martyrio.

Ps. xxxvii. 18.

Consummou-se o grande mysterio da nossa redempção !

O desejado das nações, objecto de tantos votos, esperança de tantos seculos ; — o Salvador do mundo, promettido aos Patriarchas, e annuciado pelos Prophetas de Israel, foi condemnado á morte pelo seu proprio povo !

O alto do Golgotha viu o sacrificio do Filho de Deus expiando os crimes da humanidade inteira.

O céu, vestido de crepe funebre como a morte, occultou a luz do sol para não presenciar tamanho crime. A terra, como em transe de ultima agonia,

tremeu em seus fundamentos, horrorisada de tanta maldade. E a natureza inteira deu signaes visiveis de sentimento pela morte do seu Author.

Então José de Arimathêa alcança de Pilatos licença para sepultar o corpo de Jesus Christo. Sóbe ao Calvario ainda fumegante com o sangue do sacrificio: desprega da cruz o corpo inanimado; e deposita-o nos braços da angustiada mãe. Pallida como a açucena do valle, triste como o goivo do cemiterio, immovel como a estatua do tumulo, a Virgem não se tinha separado do filho ainda depois de morto.

Um sepulchro novo recebe o corpo do Salvador: é o baque da pedra, que o fecha, esmagou o coração mais puro, o coração mais terno, que tem palpitado em peito de filha de Adam.

Tudo está acabado para a mais extremosa para a mais desconsolada de todas os mães!!

Tremula e com passos vacillantes desce a Virgem da montanha. Escorrega — ás vezes — no rasto de sangue, que n'aquelle dia assignalava o caminho do Pretorio para o Calvario. Attravessa rapida a cidade reprovada. Occulta-se a todas as vistas, como criminoso perseguido: e chega — emfim — ao cenaculo. Rôla triste vae carpir na solidão a sua viuvez!

Ali só comsigo recorda uma por uma todas as scenas d'aquelle dia de angustias. E esta recordação é o seu martyrio; *dolor meus in conspectu meo semper*,

É á consideração da soledade e das dores de Maria no dia da morte do seu Unigenito, que a Igreja consagra o silencio d'esta hora. É para falar da dor de Maria na sua soledade, que eu subo agora a este lugar.

Copiosas lagrimas, sentidos ais, profundos suspiros seriam — n'esta hora — o orador mais eloquente: seriam a mais grata homenagem á Santissima Virgem.

Mas para corresponder aos vossos sentimentos de devoção e piedade farei breves considerações sobre o mysterio de dores, que agora recordamos.

Espirito divino inspirae-me cousas dignas da vossa Esposa. E vós, ó Virgem dolorosissima, infundi no meu peito uma parte da vossa dor, para que eu possa fallar d'ella dignamente.

Era noite! E o pallido clarão da lua cheia allumiava a cidade maldicta, que n'esse momento ria e folgava ebria e delirante com a morte de Jesus Christo.

Os Discipulos dispersos choravam em segredo a morte do Divino Mestre, e a perda das suas esperanças.

Fracos e tímidos os Apóstolos escondiam-se, para evitar a perseguição dos grandes e os insultos das turbas.

E a Virgem? a Mãe de Jesus Christo? Estava no cenaculo só e triste como viuva abandonada: *sedet sola*.

A Virgem fecunda, esperada pelos Patriarchas, annunciada pelos Prophetas; a mulher bemaventurada, que devia abençoar todo Israel. . . eil-a só e abandonada: *sedet sola*. Como o vento da tempestade varre, e leva para longe a escuma nas praias do mar, o vento da desgraça tinha afastado para longe da triste mãe os, que outr'ora se diziam seus amigos: *sedet sola*.

Ha pouco Jerusalem agradecida lhe entoava canticos de louvor. Hoje morreu abafada no peito toda a admiração e enthusiasmo. A mãe de um condemnado não interessa um só coração; e é obrigada a tragar todo o calix das suas amarguras na mais rigorosa solidade: *sedet sola*.

E a Virgem não solta uma palavra para criminar os homens; não verte uma lagrima para alliviar a sua dor; não exhala um suspiro para desabafar as suas magoas. Não. Os seus olhos estão fechados para o pranto; a sua bôcca muda para as queixas; mas o seu coração inteiramente aberto para a dor.

Infeliz d'aquelle, que, vergando sob o peso de uma

grande desgraça, não fala, não chora e não geme!! A dor concentrada no intimo do peito esmaga-lhe o coração como um rochedo enorme. E tal foi a dor de Maria Santissima na sua Soledade: *sedet sola.*

O drama de sangue, de que ella fôra expectadora n'aquelle dia de lucto, se offerece incessantemente ao seu espirito.

O jardim das Oliveiras, o Pretorio, o Calvario eis os tres pontos, dentro dos quaes vagueia a sua imaginação, reproduzindo-lhe com as mais negras cores as scenas dolorosas, representadas n'aquelles logares: *dolor meus in conspectu meo semper.*

Figura-se-lhe estar ouvindo a oração sentida de Jesus Christo, quando elle, no horto, pedia ao Pae Eterno, que afastasse d'elle o calix de amargura.

O écho d'esta oração repercute-se no coração da mãe, como toada funebre do sino nocturno, quando nas suas vozes roucas e compassadas nos traz á ideia a agonia do moribundo.

A Virgem parece criminar-se a si mesmo; como se ella podesse ter enxugado ao filho o suor de sangue; como se podesse ter-lhe apparecido no horto anjo da consolação em tão extrema agonia: *dolor meus, etc.*

Maria affronta-se recordando as zombarias e os insultos em casa do Summo Sacerdote. Como que

sente no rostò e no corpo as bofetadas e os açoites em casa de Pilatos : *dolor meus, etc.*

Memoria ! fantasia ! dons sublimes do homem, que lhe doiraes a existencia, reproduzindo-lhe os seus dias de gloria os seus instantes de alegria e de ventura ; vós ! . . vós sois n'este momento o maior flagello da mãe de Deus, recordando-lhe, pintando-lhe ao vivo os insultos e os tormentos do seu Jesus : *dolor meus, etc.*

Christãos : não vos succedeu já alguma vez assistir aos soffrimentos, ás dores, á agonia do pae, do filho, do irmão, ou do amigo debatendo-se nas garras da morte em leito de dor ?

E, se, durante a solidão e o silencio da noite, recordastes, a sós comvosco, este apparatus lugubre, não se vos eriçaram os cabellos ? não se espalhou por todo o vosso corpo um suor frio como o da morte ? E, sobre tudo, não se vos comprimiu o coração, como se fôra apertado por uma cinta de ferro ? Julgae então da dor, que taes recordações deviam produzir no coração de uma mãe terna e affectuosa. E ainda isto não é tudo.

Agar, expulsa da casa de Abraham, receia ver morrer á sede o innocente filho, sujeito como ella á proscripção e ao abandono. É necessario morrer diz ella ; mas eu não verei a morte do meu filho.

Mais attormentada do que a misera escrava Maria

Santissima assistiu ao supplicio do seu Unigenito. Viu ella mesma rasgar aquellas carnes, desconjunctar aquelles membros, cravar aquellas mãos e pés, varar aquelle coração. Viu: e não morreu.

Não morreu. Mas n'este momento reproduz pela imaginação tudo o, que viu, como se ainda o estivera vendo: *dolor meus, etc.*

Mães ternas, que me escutaes, já vistes expirar diante dos vossos olhos o filho, que era o encanto dos vossos dias, a consolação da vossa vida, a esperança do vosso futuro? Já vistes vidrarem-se aquelles olhos, que eram a vossa luz? extorcerem-se aquelles membros, que eram a vossa carne? suffocar-se aquella respiração, que era a vossa vida?

Que angustia, que dor intima e intensa não foi a vossa, recordando na solidão todos estes soffrimentos!! Vós, e só vós, podeis avaliar a dor de Maria Santissima na sua soledade.

Ah! com razão eu posso esclamar com o Propheta: *cui comparabo te, vel cui assimilabo te virgo filia Sion?! A quem vos compararei, a quem poderei assimillar-vos, afflicta Filha de Sião?!*

A vossa dor não teve nunca igual entre as filhas dos homens. Foi a dor da mais terna e extremosa das mães pela morte do filho mais digno do amor materno.

A vossa dor foi uma dor de reflexão; dor que, segundo o Propheta, é dor sobre toda a dor; uma dor,

que opprime sempre, que atormenta sempre: *dolor meus super dolorum; dolor meus in conspectu meo semper.*

Christãos: se a devoção e a piedade vos conduziu n'esta hora ao templo, não seja inutil para nenhum de vós a recordação da soledade e das dores de Maria Santissima.

Com esta recordação annual dos mysterios da Paixão a Igreja Santa exhorta os seus filhos a aproveitarem-se do sacrificio de Jesus Christo, e das dores e angustias da Virgem, que é sua e nossa mãe.

Todos vós, christãos — e eu tambem — todos nós temos muitas vezes despresado o preço do sangue de Jesus Christo, temos inutilisado os seus fructos salutaes pelos nossos crimes e peccados.

Seja hoje o dia da nossa reconciliação com Deus. Uma dor profunda um arrependimento sincero. . . . tanto basta, para que qualquer de vós, ainda que tenha intrado no templo, peccador como o publicano, saia d'elle puro e sanctificado.

É hoje o dia das misericordias do Senhor. — Quem sabe, se tereis outro para a vossa conversão?! Qual de vós póde contar com o dia de amanhã? E a esta vida — pensae bem — a esta vida transitoria e curta seguir-se-ha uma eternidade: eternidade feliz no seio de Deus, ou desgraçada na companhia dos condemnados.

Christãos vós tendes. Insensato que sou!!
Esquecia, que as ameaças tremendas da religião perdem a sua força passando pela minha bôcca peccadora.

Christãos: eis quem por mim vos exhorta á penitencia e á conversão.

Eis o estado a que — para nos salvar — foi reduzido o mais especioso entre os filhos dos homens, etc. etc., etc.



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329754793

Christãos vde. tanto... Invenção que se fez
 Espoleta, que as antigas invenções da religião per-
 tem a sua força passando pela minha bocca peva-
 da.

Christãos: eis quem por mim vos exhorta a peni-
 tencia e a conversão.

Eis o estado a que — por nos salvar — foi redu-
 zido o mais respeitoso entre os filhos dos homens, etc.
 etc.